

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E MOBILIDADE NA FRONTEIRA: O OESTE DO PARANÁ FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES INTRA-REGIONAIS DE 1970 A 2010

MIGRATORY MOVEMENTS AND MOBILITY AT THE BORDER: WESTERN PARANA FRONT OF INTRA-REGIONAL TRANSFORMATIONS 1970-2010

Ricardo Rippel

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Correspondência:

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, CCSA - Economia
Rua da Faculdade, 645 - Jardim La Salle, Campus Universitário de Toledo
Toledo – Paraná – Brasil. CEP: 85903-000
E-mail: ricardorippel@yahoo.com.br

Resumo

O artigo averiguou como a dinâmica demográfica e a localização da população rural e urbana no Oeste do Paraná deram-se de 1970 a 2010, frente à migração e à qualificação dos chefes de família. Utilizou-se de indicadores demográficos e de localização e redistribuição, visualizando-se a disposição da população por domicílio. Agregou-se a análise o cálculo da migração bruta e líquida e do índice de eficácia migratória intra-regional. Os resultados apontaram que o arquétipo de concentração da população na região não sofreu modificações significativas no período.

Palavras-chave: Dinâmica demográfica; análise regional; migração no Oeste do Paraná.

Abstract

The article examined how demographic dynamics and the location of the rural and urban population in PR West gave up from 1970 to 2010 front of migration and qualification of heads of households. We used demographic indicators of location and redistribution, visualizing the disposal of the population per household. He added the analysis calculating the gross and net migration and intra-regional migration effectiveness index. The results showed that the population concentration archetype in the region did not change significantly in the period.

Keywords: Demographic dynamics; regional analysis; migration in Western Parana.

Introdução

A ocupação de uma área de fronteira relaciona-se à dinâmica populacional e à organização do capital do local; assim, o deslocamento de pessoas e de investimentos vincula-se a economia e ao processo de inserção e unificação dos mercados que leva à ocupação destas regiões. Deste modo, torna-se relevante à análise do Oeste do Paraná, que passou por este processo a partir da segunda metade do Séc. XX. Isto porque a ocupação e colonização de regiões de fronteira agrícola são usualmente utilizadas para acomodar “excedentes” de mão-de-obra em áreas de segurança nacional e reduzir os efeitos sociais negativos de uma política agrícola instável e mesmo de êxodo de um lugar para outro. Este processo altera o perfil da produção agrícola regional, que passa a ser dirigida fundamentalmente pelas tendências dos ciclos agrícolas e das políticas de governo.

Mediante estes procedimentos no decorrer da ocupação do Oeste paranaense ocorreu a erradicação de culturas agrícolas intensivas no uso da mão-de-obra, transformando as relações de trabalho e capitalizando os setores mais dinâmicos da economia regional. Pois na ocupação das fronteiras agrícolas ocorrem ciclos de expansão, saturação e reversão do processo de atração migratória.

Assim, segundo Rippel,¹ compreender a natureza dos processos que ocorreram e que vêm ocorrendo na fronteira agrícola brasileira desperta interesse de distintas áreas da ciência, vez que as características da transferência de indivíduos, de capital e de tecnologia para estas áreas geram importantes impactos socioeconômicos, fato que se fez presente no povoamento e desenvolvimento do Oeste -PR, pois a área em 1940 detinha apenas um município e estimados 7.645 habitantes e em 2010 chega a 50 municípios e estimados 1.219.558 habitantes como se pode verificar nos Mapas 1 e 2 a seguir.

No período inicial de ocupação a estrutura agrária da região, que se caracterizava por uma expressiva presença de pequenos proprietários rurais que se transformou muito no período, passando de região de absorção intensa de migrantes para de repulsão². Esta análise apoia-se na constatação de que as fronteiras agrícolas no Brasil detiveram dinâmicas de formação e evolução diferenciadas, o que lhes dá características e lógicas de evolução díspares, e é neste cenário que a área pode ser encaixada, pois se constituiu em região de fronteira agrícola brasileira e geográfica internacional e que se enquadra na gama de territórios brasileiros que foram historicamente desbravados e incorporados ao processo produtivo nacional, notadamente do setor primário.

¹ RIPPEL, R. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000. Tese (Doutorado em Demografia) Universidade Estadual De Campinas. Campinas, 2005; _____. Fronteiras em movimento – transformações demográficas numa região emblemática: o Oeste Paranaense de 1970 a 2010. In: *III Encontro Nacional Sobre Migrações*, Belo Horizonte, 2013.

Mapa 1. Oeste PR em 1940



Fonte: Instituto Ambiental do Paraná – IAP. Base cartográfica.

Mapa 2. Oeste PR em 2010



Fonte: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/mesorregioes_geograficas_base_2010.jpg. Acesso em: 14 nov. 2014.

De forma que o desenvolvimento de uma região se vincula a sua população e à sua dinâmica no território; bem como à organização dos capitais na área. E mais, tais fatores modificam as condições “ambientais locais”, moldando-as de conforme seus objetivos e interesse. Assim, o deslocamento de pessoas e de investimentos para uma região de fronteira está relacionado com o comportamento da economia e com o processo de inserção e unificação dos mercados dos territórios, tornando a análise

da inter-relação população, dinâmica demográfica, migração e desenvolvimento muito relevante.²

O caso do Oeste paranaense se destaca pelo fato de a área ter sido a última no Paraná a ser ocupada e por conjugar uma situação na qual o seu desenvolvimento se deu fortemente conectado à dinâmica migratória nacional. Ademais, na área cuja de formação socioeconômica é recente, a dinâmica demográfica pode ser percebida no elevado crescimento do tamanho da população total regional que em 1940 era de 7.645 habitantes e apenas um município; e que chega a 2010 com um total de 1.219.558 de habitantes e 50 municípios. O acelerado crescimento demográfico local é evidente nas décadas de 1950 e 1960 e ocorreu em função de grandes fluxos imigratórios internos que para lá se deslocaram, advindos de vários Estados brasileiros, especialmente de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo.³

Até 1940 a região era praticamente desabitada e era denominada “Extremo Sertão do Oeste do Paraná” no censo demográfico daquele ano, dada justamente a pequena quantidade de população ali residente e o grande tamanho da região. A área começou de fato a ser ocupada no movimento da “Marcha para o Oeste”, a partir de 1946, e daí em diante se tornou até 1990 importante destino da imigração nacional,⁴ inserindo-se no modelo de desenvolvimento nacional de ocupação de fronteiras e no processo de transnacionalização do capital agrícola brasileiro, principalmente nas décadas de 1950 a 1980.

Na década de 1960 foi destino de expressivos fluxos imigratórios internos tornando-se a 3. Mesorregião do país em absorção de migrantes, área de “fortíssima atração migratória”,⁵ uma vez que havia passado a vivenciar desde 1950 forte reestruturação de economia, via modernização das técnicas de produção e a expansão da agropecuária regional que permitiu sua entrada no cenário de comercialização de *commodities* e na agro industrialização nacional e internacional. Essa mudança causou a ocupação de novos espaços e a reestruturação das tradicionais, bem como gerou elevada emigração rural para grandes centros urbanos e para outros estados, transformando contundentemente a dinâmica demográfica da área que passou a vivenciar o êxodo rural.⁶

Segundo Kleinke, Deschamps e Moura,⁷ na década de 1970 iniciou-se ali um processo elevado de concentração urbana, o que pode ser visualizado no Gráfico 1, onde um dos propulsores do movimento foi exatamente o esgotamento da fronteira

² RIPPEL, R. Fronteiras em movimento, *Op. cit.*

³ RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

⁴ RIPPEL, R. Fronteiras em movimento, *Op. cit.*

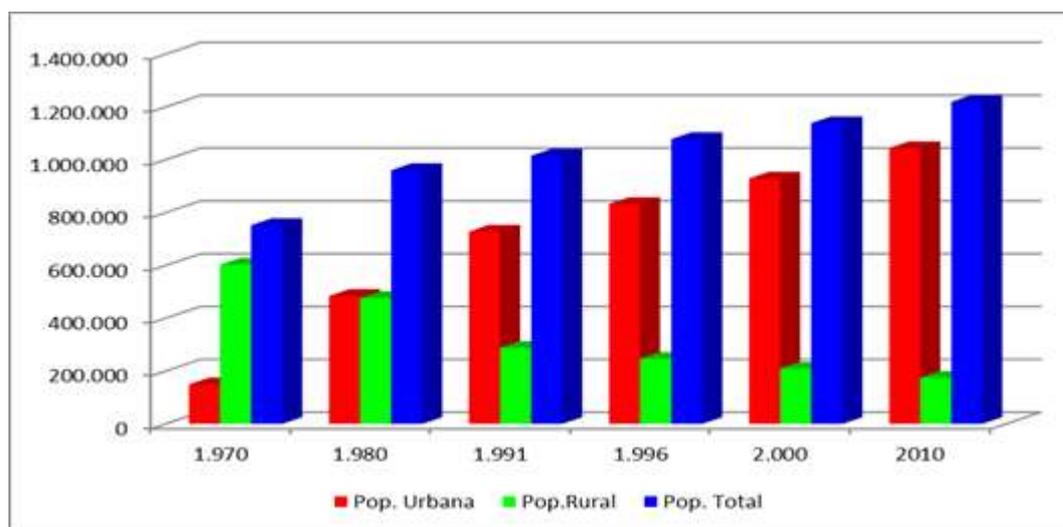
⁵ IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Áreas de atração e evasão populacional no Brasil no período 1960-1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

⁶ RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

⁷ KLEINKE, M. de L. U.; DESCHAMPS, M. V.; MOURA, R. Movimento Migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96): origens distintas e destinos convergentes. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 95, jan./abr., p. 27-50, 1999.

agrícola estadual que impulsionou o surgimento e a ampliação de centros urbanos que passaram a funcionar vinculados ao dinamismo da atividade rural e por ele impulsionados. Já na década de 1980, a industrialização e a mecanização agrícola regional provocaram significativas perdas da população rural e crescimento das urbanas; nesta década a população urbana ultrapassou a rural.

Gráfico 1. População segundo domicílio - Oeste do Paraná - 1970/2010



Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1970 a 2010. Compilação do autor.

Sobre isto, Rippel e outros⁸ argumentam que as metamorfoses regionais estão diretamente relacionadas à dinâmica migratória local, pois a estrutura produtiva da área foi modificada e entender como isto ocorreu implica compreender a localização da população e a forma como influi no espaço regional, visto que, para Rippel,⁹ desde a colonização a região manteve relações de troca com parte do território nacional e com o resto do mundo, e como a dinâmica demográfica nacional influiu diretamente nos movimentos migratórios da área. Tais movimentos, por sua vez, detêm forte ligação com o ocorrido com a população rural e mesmo com os setores econômicos locais, especialmente o setor primário.

Ademais, na área os pequenos produtores rurais ainda detêm forte relevância, haja vista a distribuição fundiária local – segundo a Secretária de Abastecimento e Agricultura do Estado do Paraná – SEAB, em 1999, das terras locais 36,36% ainda eram destes produtores. Isto torna a abordagem analítica do controle da terra elemento importante em nosso estudo visto que em todo o território nacional a posse

⁸ RIPPEL, R; COLLA, C; ALVES, L. R.; GONÇALVES JÚNIOR, C. A. Notas sobre a migração intraregional dos municípios do Oeste do Paraná entre 1970 a 2010. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Águas de Lindóia, 2012.

⁹ RIPPEL, R. Fronteiras em movimento, *Op. cit.*

de terras agrícolas, especialmente em territórios fronteiriços, são elementos primordiais para compreensão do desenvolvimento de uma região deste tipo¹².

Assim é que Wood e Carvalho,¹⁰ analisando o panorama nacional, sustentam que a adoção do binômio da soja e trigo no país gerou marcantes mudanças, principalmente em áreas de fronteira contemporâneas, caso do Oeste do Paraná. Então na Figura 1, a seguir, retrataram-se alguns dos mecanismos pelos quais a comercialização e a mecanização da produção agrícola redundaram na emigração rural no Oeste do Paraná, destacando-se que o diagrama não esgota as causas do êxodo rural e da migração da área, porém oferece uma sistematização das relações chave apontadas.

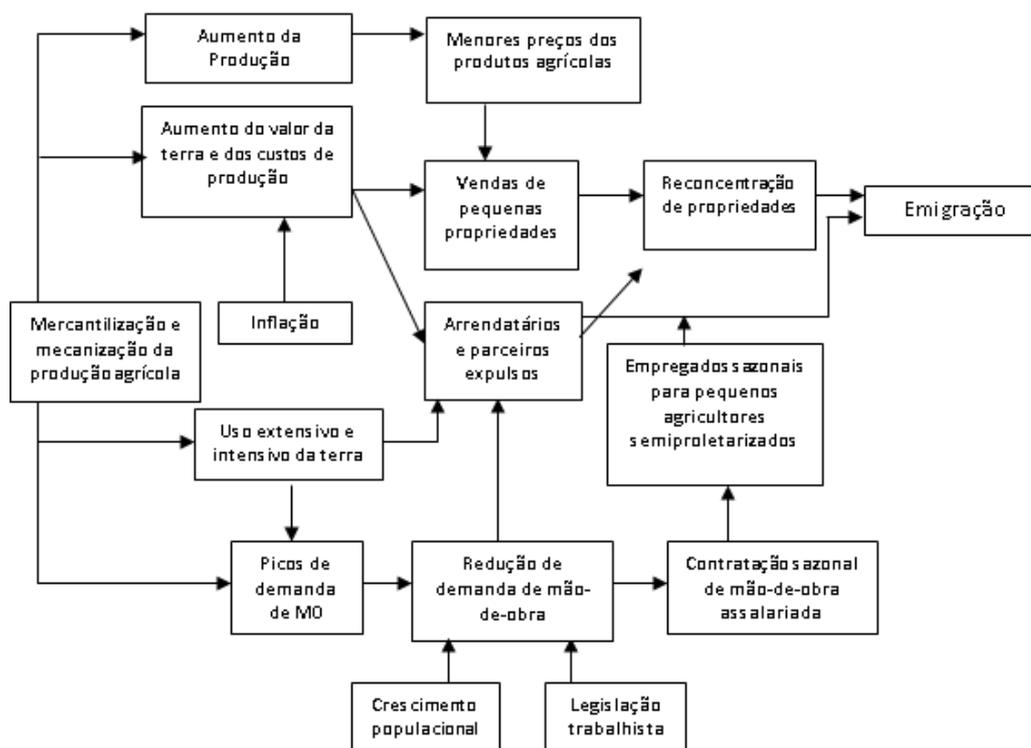


Figura 1. Mecanismos de Mecanização e Mercantilização da Produção Rural no Oeste PR que influíram na Emigração Rural

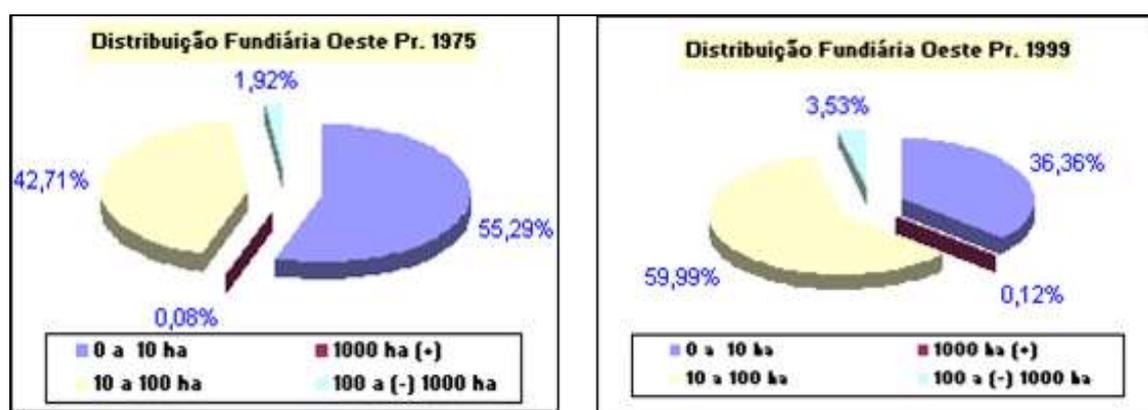
Fonte: Ricardo Rippel. *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná*.¹¹

Neste processo, o que se verificou na área foi uma intensa transformação que repercutiu no arranjo fundiário regional, que em 1975 apontava mais de 55% do espaço rural em pequenas propriedades, e que chega em 1999 muito menor com 36,36% da total, tal como se pode verificar nos Gráficos 2 e 3.

¹⁰ WOOD, C. H.; CARVALHO, J. A. M. *A demografia da desigualdade no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 1994.

¹¹ RIPPEL, Ricardo. *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná*, *Op. cit.*, p. 68.

Gráficos 2 e 3. Evolução da Distribuição Fundiária do Oeste PR de 1975 a 1999



Fonte: Ricardo Rippel. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná.¹²

Isto refletiu na distribuição de sua população, que em 1970 apresentava 80% em áreas rurais e em 2010 apenas 14%, tal como se pôde verificar no Gráfico 1. Esta mudança condiz com a elevação na área do uso de tecnologias modernas de produção rural, visto que o local necessitou adaptarem-se as exigências produtivas impostas, que demandaram mais *commodities* – caso da soja e do trigo, itens que em sua produção implicam maior uso de tecnologias avançadas.

Assim a modernização da agricultura regional se confunde com a expansão da produção de *commodities* na região, pois conforme aumentou a produção dos mesmos cresceu a utilização de novas tecnologias, principalmente das representadas por máquinas de plantio, de colheita e tratores (Tabela 1), importantes equipamentos para a produção mais eficiente, mas que geram expressivo volume de desemprego no campo.¹³

Tabela 1. Números Equipamentos Mecânicos Rurais no Oeste do PR nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1995

Equipamento	ANOS		Var % 1975/80	1985	Var % 1980/85	1995	Var % 1985/95	Var % 1975/95
	1975	1980						
Arados (tração animal)	35.414	35.819	1,14	38.535	7,58	20.618	-46,50	-41,78
Arados (tração mecânica)	13.684	21.761	59,03	22.173	1,89	17.625	-20,51	28,80
Máquinas (plantio)		13.704	-	19.389	41,48	18.357	-5,32	
Máquinas (colheita)	5.968	9.064	51,88	5.235	-42,24	4.801	-8,29	-19,55
Tratores	10.216	16.247	59,03	20.667	27,21	31.986	54,77	213,10

Fonte: Ricardo Rippel. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná.¹⁴

¹² RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*, p. 118

¹³ RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

¹⁴ *Ibidem*, p. 118

Este desdobramento é deveras importante para o processo, pois Ambergrombie,¹⁵ cujo estudo sobre a agricultura latino-americana permitiu observar o impacto da mecanização sobre a absorção de mão-de-obra, aponta que o mesmo dependia do tamanho da fazenda; e que indica que a mecanização traz produtividade, mas gera desemprego no campo, onde em média 19 trabalhadores são substituídos por um trator em fazendas com tamanho entre 50 e 200 hectares de terra. Ademais, a taxa de substituição entre trabalhadores e máquinas cai regularmente com o aumento do número de hectares cultivados.

Assim, se considerarmos o aumento do número tratores na região Oeste do Paraná vemos que o montante cresceu concomitantemente à diminuição da população rural da área, e analisando-se o cenário com mais acuidade vê-se que a diferença do total destes equipamentos entre 1975 e 1999 é de 21.770 unidades; multiplicando-se este número por 19, média de trabalhadores substituídos no campo por trator, obtém-se um total estimado de mais de 416.000 indivíduos desalojados do rural da região no período, valor muito próximo à diferença apontada entre a população rural da área de 1970 a 2000. Há então uma ligação próxima entre a modernização da produção agrícola da área e a sua emigração rural.¹⁶ Diante disto uma análise mais aprofundada da temática é necessária, pois é evidente que a modernização da produção rural na região exerceu forte influência no comportamento demográfico da área, vejamos.

A Modernização da agricultura e a PEA – População Economicamente Ativa no Oeste do Paraná. Rebatimentos migratórios

Nas últimas décadas a região viu a distribuição de sua população mudar muito, fato deveras importante se considerarmos que a área partiu de uma situação de produção agrícola intensiva no uso de mão-de-obra familiar “simples e rústica”, para uma situação de produção intensiva em tecnologia, com redução do uso de mão-de-obra,¹⁷ tanto que na Tabela 1 vê-se que isto se deu concomitantemente à intensificação do uso de modernas tecnologias de plantio, manutenção e colheita, e que isso representou ao longo do tempo um importante fator condicionante das migrações na região.¹⁸ A respeito destas questões, Wood e Carvalho¹⁹ sustentam que a mecanização da produção agrícola e seu comércio crescem de modo simultâneo, o

¹⁵ AMBERCROMBIE, K. C. Agricultural mechanization and employment in Latin América. *International Labor Review*, Ithaca, v. 105, n. 6, p. 11-45, 1972.

¹⁶ RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

¹⁷ Neste caso a mão-de-obra utilizada no campo, via de regra, ainda é menos qualificada que a urbana, porém é muito mais qualificada se comparada com a que era utilizada no início da década de 1970. Cf. RIPPEL, R. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

¹⁸ *Idem.*

¹⁹ WOOD, C. H.; CARVALHO, J. A. M. *A demografia da desigualdade no Brasil*, *Op. cit.*

que rebateu na dinâmica demográfica de várias regiões do Brasil. Então deslocamentos populacionais rurais têm, como aspecto mais significativo, a redução da demanda de mão-de-obra permanente no campo, pois com a mecanização das fazendas ocorreu a substituição de grande parte dos empregados rurais permanentes, de arrendatários e de parceiros, por trabalhadores assalariados temporários, elevando-se o uso da tecnologia e reduzindo a dependência da mão-de-obra.

A região refletiu esta situação, pois, segundo Câmara²⁰ e Rippel,²¹ a área vivenciou forte redução da agricultura familiar e do seu total de trabalhadores, porque o padrão produtivo regional e a mercantilização agrícola diminuíram as possibilidades de inserção da produção familiar anteriormente existente, isto agregado ao cenário das modificações do campo nacional reduziu a PEA do setor agrícola da área (Tabela 2). Como se pode observar ali de 1970-2000, a PEA regional totalizava aproximadamente 266.000 indivíduos, ou seja 35,46% do total da população da área, destes 78,80% trabalhavam no setor primário.

Cenário que se alterou tanto que, em 1980, quando a PEA regional, 341.000 indivíduos (35,53% do total da população da área), apontava que 46,96% eram do setor primário, uma redução de 2,68% ao ano de 1970 a 1980. Esse fato é o oposto ao que ocorreu com o desempenho do setor da prestação de serviços, que cresceu em termos de participação no PIB regional. O que não implica que o setor primário tenha perdido sua posição de ramo mais importante da economia da área significa, que o mesmo se ajustou a um novo cenário produtivo quando comparado à situação anterior. Na verdade, no período ocorreu um acelerado crescimento da PEA alocada nos outros setores da economia regional, tal como se vê na tabela.

Já em 1991, o setor primário mais uma vez encolheu, tanto em termos absolutos quanto em relativos, passando a totalizar 30,23% do total da PEA e aproximadamente 12,17% da população regional cedendo novamente espaço para atividades econômicas mais urbanas, tal como se pode ler na Tabela 2. De fato, os demais setores econômicos passaram a representar 69,77% da PEA, sendo que os anteriormente apontados como os mais importantes por essa inversão mantiveram-se na liderança em termos de crescimento, fato concomitante a um novo decréscimo do setor primário da economia regional, que perdeu de 2,34% de população ao ano no período.

²⁰ CAMARA, M. R. G. *Transformações agrícolas e êxodo rural no Paraná na década de 70*. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.

²¹ RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

**Tabela 2. Oeste Paranaense. População Economicamente Ativa - PEA
por Setor da Economia de 1970 a 2000, dados censitários e taxas de crescimento anuais**

Setor de Atividade Econômica	PEA 1970	% sobre Pop. Total da região em 1970	% sobre PEA Regional em 1970	PEA 1980	% sobre Pop. Total da região em 1980	% sobre PEA Regional em 1980	Taxa de Crescto. anual de 1971-80	PEA 1991	% sobre Pop. Total da região em 1991	% sobre PEA Regional em 1991	Taxa de Crescto. anual de 1981-91	PEA 2000	% sobre Pop. Total da região em 2000	% sobre PEA Regional em 2000	Taxa de Crescto. anual 1991-00	Taxa de Crescto. anual de 1970-00
Agricultura, pecuária, silvicultura, extração vegetal, caça e pesca	210.254	27,94	78,80	160.301	16,69	46,96	-2,68	123.604	12,17	30,23	-2,34	102.693	9,02	20,76	-2,04	-2,36
Prestação de Serviços	12.144	1,61	4,55	47.535	4,95	13,93	14,62	87.634	8,63	21,44	5,72	47.761	4,19	9,65	-6,52	4,67
Transportes, comunicações	4.861	0,65	1,82	11.642	1,21	3,41	9,13	15.215	1,50	3,72	2,46	30.172	2,65	6,10	7,90	6,27
Atividades Industriais	16.661	2,21	6,24	54.593	5,68	15,99	12,60	67.977	6,69	16,63	2,01	93.004	8,17	18,80	3,54	5,90
Comércio de Mercadorias	10.170	1,35	3,81	36.397	3,79	10,66	13,60	64.860	6,38	15,86	5,39	120.101	8,17	24,28	7,09	8,58
Atividades Sociais	4.637	0,62	1,74	15.254	1,59	4,47	12,65	27.403	2,70	6,70	5,47	29.152	2,56	5,89	0,69	6,32
Administração Pública	3.221	0,43	1,21	7.845	0,82	2,30	9,31	13.458	1,32	3,29	5,03	22.787	2,00	4,61	6,03	6,74
Outras Atividades	4.876	0,65	1,83	7.769	0,81	2,28	4,77	8.680	0,85	2,12	1,01	49.047	4,31	9,91	21,22	8,00
Total	266.824	35,46	100,00	341.336	35,53	100,00		408.831	40,24	100,00		494.717	41,07	100,00		

Fonte: Ricardo Rippel, *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná*, Op. cit., p. 132.

Em 2000, esse panorama se transformou, porém manteve-se a tendência de queda da participação do setor primário na PEA regional, pois no processo os outros setores da economia regional expandiram-se, de modo que o Oeste do Paraná passou a apresentar um perfil mais urbano em termos de PEA e de distribuição de sua população. Assim, no panorama da população da área a maior parte desta, em 2000, desenvolvia atividades de caráter urbano, sendo que no período houve um elevado crescimento do setor econômico das indústrias da região, que passaram a absorver 18,80% da PEA em 2000, contra 6,24% em 1970. Outro setor que se expandiu foi o do comércio, cuja participação elevou-se para 24,28% do total, contra 3,81% em 1970.

Vê-se também que a participação do setor primário no total geral da PEA da área, de 1970 para 2000, apresentou um decréscimo anual da ordem de 2,26% a.a., e que, nos demais setores da economia, ocorreu expressivo crescimento, e isto impactou diretamente na maneira como a área passou a absorver imigrantes, e exerceu um efeito maior ainda na qualificação educacional que passou a ser exigida dos indivíduos para sua inserção. Para melhor entender o processo, vejamos então algumas medidas de localização da população que nos auxiliaram a completar o diagnóstico do ocorrido.

Medidas de localização da população urbana e rural

Através do diagnóstico do comportamento econômico e demográfico de uma área é possível identificar mudanças no padrão de localização e redistribuição da população, pois esta análise regional permite generalizações na interpretação de indicadores; tais atitudes dependem do problema analisado, da(s) variável(eis) sob análise e da delimitação espacial. Outro fator importante da investigação é a delimitação da área, pois os indicadores de análise regional, ao utilizarem o peso relativo da população urbana e rural, anulam o efeito “tamanho” das regiões, por isto permitem o cálculo de indicadores confiáveis.²²

Mediante isto se aponta que os primeiros a sistematizar os indicadores de análise regional no Brasil foram Lodder²³ e Haddad,²⁴ referências da aplicação do instrumental ao caso nacional, e quando tratamos da aplicação dessa análise no Paraná e

²² RIPPEL, R.; LIMA, J. F. de; ALVES, L. R.; PIACENTI, C. Notas sobre a localização da população urbana e rural no Oeste paranaense: uma análise de 1970 a 2000. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, 2006.

²³ LODDER, C. A. Padrões locacionais e desenvolvimento regional. *Revista Brasileira de Economia*, v. 28, n. 1, jan./mar., 1974.

²⁴ HADDAD, J. H. (Org.). *Economia regional: teoria e métodos de análise*. Fortaleza: BNB/ETIENE, 1989.

no Oeste do Estado, se destacam os trabalhos de Lima,²⁵ Rippe1²⁶ e Piffer.²⁷ Assim, na realização do cálculo das medidas de localização, organizaram-se as informações numa matriz que relaciona a distribuição domiciliar-espacial e uma variável-base e fez-se uso da população (POP) por situação de domicílio. Nela, as colunas apontam a distribuição da população entre os municípios, e as linhas demonstram a distribuição da população por situação de domicílio de cada um dos municípios, conforme a Figura 2:

$$POP_{ij} = \text{População no domicílio } i \text{ do município } j;$$

$$\sum_j POP_{ij} = \text{População no domicílio } i \text{ da região};$$

$$\sum_i POP_{ij} = \text{População em todos os domicílios do município } j;$$

$$\sum_i \sum_j POP_{ij} = \text{População total da região}.$$

	← Domicílios da população <i>i</i> →		
Município <i>j</i>		↑	
	←	POP_{ij}	→
		↓	
		$\sum_j POP_{ij}$	$\sum_i \sum_j POP_{ij}$

Figura 2. Matriz de informações

Fonte: ver nota abaixo.²⁸

²⁵ LIMA, J. F.; PIACENTI, C. A.; ALVES, L. R.; PIFFER, M. A localização e as mudanças da distribuição setorial do PIB nos estados da região Sul (1970-1998). In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural (SOBER), Cuiabá, 2004.

²⁶ RIPPEL, R.; LIMA, J. F. de; ALVES, L. R.; PIACENTI, C. Notas sobre a localização da população urbana e rural no Oeste paranaense, *Op. cit.*

²⁷ PIFFER, M. *A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do Estado do Paraná no final do século XX*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2009.

²⁸ Fontes: HADDAD, J. H. (Org.). *Economia regional*, *Op. cit.*; LODDER, C. A. Padrões locacionais e desenvolvimento regional, *Op. cit.*; PIACENTI, C. A. et al. Análise regional dos municípios lindeiros ao lago da Usina Hidroelétrica de Itaipu. In: Encontro Brasileiro de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, 2002.

Via matriz podem-se descrever medidas de localização, que são instrumentos de mensuração de natureza domiciliar, que tratam da localização da população por situação de domicílio, ou seja, identificam-se os padrões de concentração ou dispersão da população, num período. No trabalho utilizar-se-ão as medidas de localização espacial: a-) o quociente locacional, b-) o coeficiente de localização e c-) do coeficiente de redistribuição. Vejamos.

Quociente Locacional – QL

O cálculo do QL – Quociente Locacional permite comparar a participação percentual da população de um município com a participação percentual da região. Assim aponta-se que o quociente locacional pode ser analisado a partir de domicílios específicos ou no seu conjunto. Ademais, este quociente pode ser analisado a partir de domicílios específicos ou no seu conjunto, e é expresso pela equação (1) a seguir:

$$QL = \frac{POP_{ij} / \sum_j POP_{ij}}{\sum_i POP_{ij} / \sum_i \sum_j POP_{ij}} \quad (1)$$

Desta maneira a importância do município no contexto regional, em relação ao domicílio estudado, é demonstrada quando QL assume valores acima de 1. Então quando o QL encontrado pelo cálculo for maior que 1, temos a indicação da maior representatividade do domicílio em questão no município específico. O contrário ocorre quando o QL for menor que 1; assim sendo, mediante este procedimento, a partir da análise do QL, poder-se-á visualizar a concentração de cada setor em cada um dos municípios do Oeste do Paraná.

Coefficiente de Localização – CL

Outro indicador utilizado, o CL – coeficiente de localização, tem como função relacionar a distribuição percentual da população num dado domicílio entre os municípios com a distribuição percentual da população da região, e que é medido pela equação (2).

$$CL = \frac{\sum_j \left| \left(POP_{ij} / \sum_j POP_{ij} \right) - \left(\sum_i POP_{ij} / \sum_i \sum_j POP_{ij} \right) \right|}{2} \quad (2)$$

A partir deste cálculo verifica-se que se o coeficiente obtido for igual à zero (0) significa que a população do domicílio *i* estará distribuída regionalmente da mesma forma que o conjunto de todos os domicílios, ou seja, estará mais dispersa

entre os municípios. Porém, se o valor encontrado for igual a um (1), ficará demonstrado que o domicílio *i* apresenta um padrão de concentração regional maior do que o conjunto de todos os domicílios.

Coeficiente de Redistribuição

O CRed - coeficiente de redistribuição é outro indicador utilizado na análise deste tipo de cenário que envolve características demográficas, econômicas e geográficas e que relaciona a distribuição percentual da população de um mesmo domicílio em dois períodos, ano base 0 e ano 1. Isso se dá com a intenção de verificar se está prevalecendo para o domicílio algum padrão de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo:

$$CRed = \frac{\sum_j \left| \left(\frac{POP_{ij}^{t1}}{\sum_j POP_{ij}^{t1}} \right) - \left(\frac{POP_{ij}^{t0}}{\sum_j POP_{ij}^{t0}} \right) \right|}{2} \quad (3)$$

Neste indicador, vemos que coeficientes próximos a zero (0) apontam que não ocorreram mudanças significativas no padrão espacial de localização dos domicílios; já valores próximos a um (1) demonstram que ocorreram mudanças significativas no padrão espacial de localização dos domicílios. Expostos estes indicadores dos quais faremos uso, partiremos para a análise do panorama demográfico da área. Vejamos.

O perfil da localização populacional regional

Aqui apresentam-se os resultados da aplicação do modelo de análise regional, assim na Figura 3 vemos a evolução do Quociente Locacional (QL) para a população urbana dos municípios da região. Nota-se ali que a concentração da população urbana no conjunto da área não sofreu muitas alterações no período; houve isto sim uma expansão concentrada de sua urbanização, pois os municípios que concentram a população urbana em 2010 são os mesmos de 1970. Chama atenção a posição dos municípios de quociente locacional fraco, pois a fragmentação da região em vários municípios especialmente depois de 1988 manteve uma população urbana significativa de médio para forte, do centro para o norte da área; da mesma forma a fronteira leste próxima ao centro do Paraná, veem-se resultados menos significativos.

Ao final, foram sempre os mesmos municípios que concentraram a população urbana de 1970 a 2010, à exceção de Assis Chateaubriand, que detinha de concentração significativa de 1970 a 1991, mas que chega a 2010 com queda. Já Cascavel,

Foz do Iguaçu, Guaíra, Medianeira e Toledo apresentaram quocientes significativos em todo o período.

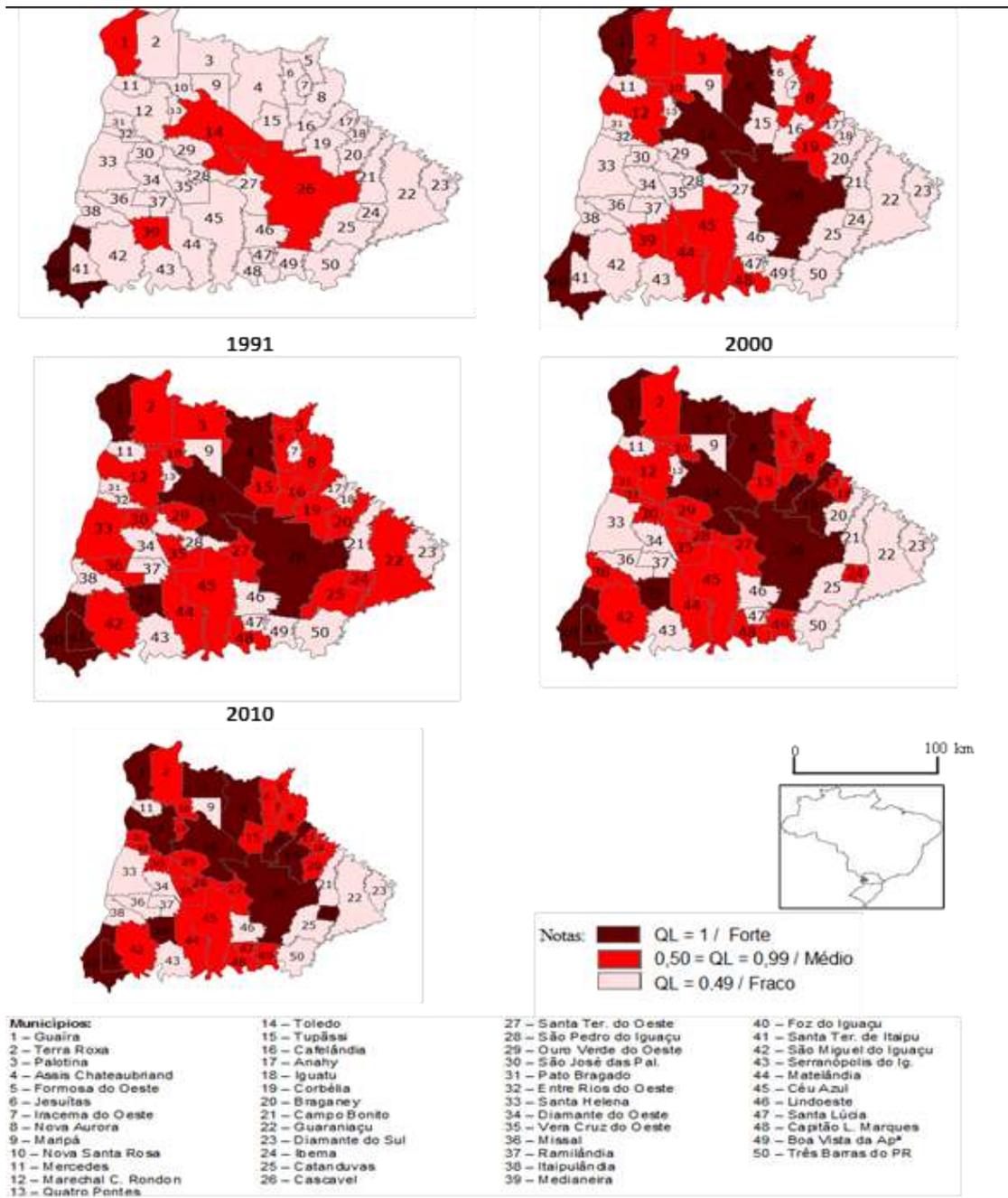


Figura 3. Quociente Locacional da População Urbana nos municípios do Oeste do PR 1970/2010

Fonte: resultados da pesquisa.

Na Figura 3 vê-se que os demais municípios da mesorregião, com o transcorrer do tempo estão agregando maior contingente de população urbana e isso também se evidencia pela evolução do quociente da maioria, mesmo que a área ainda concentre significativa população rural, como se poderá verificar na Figura 4 a seguir.

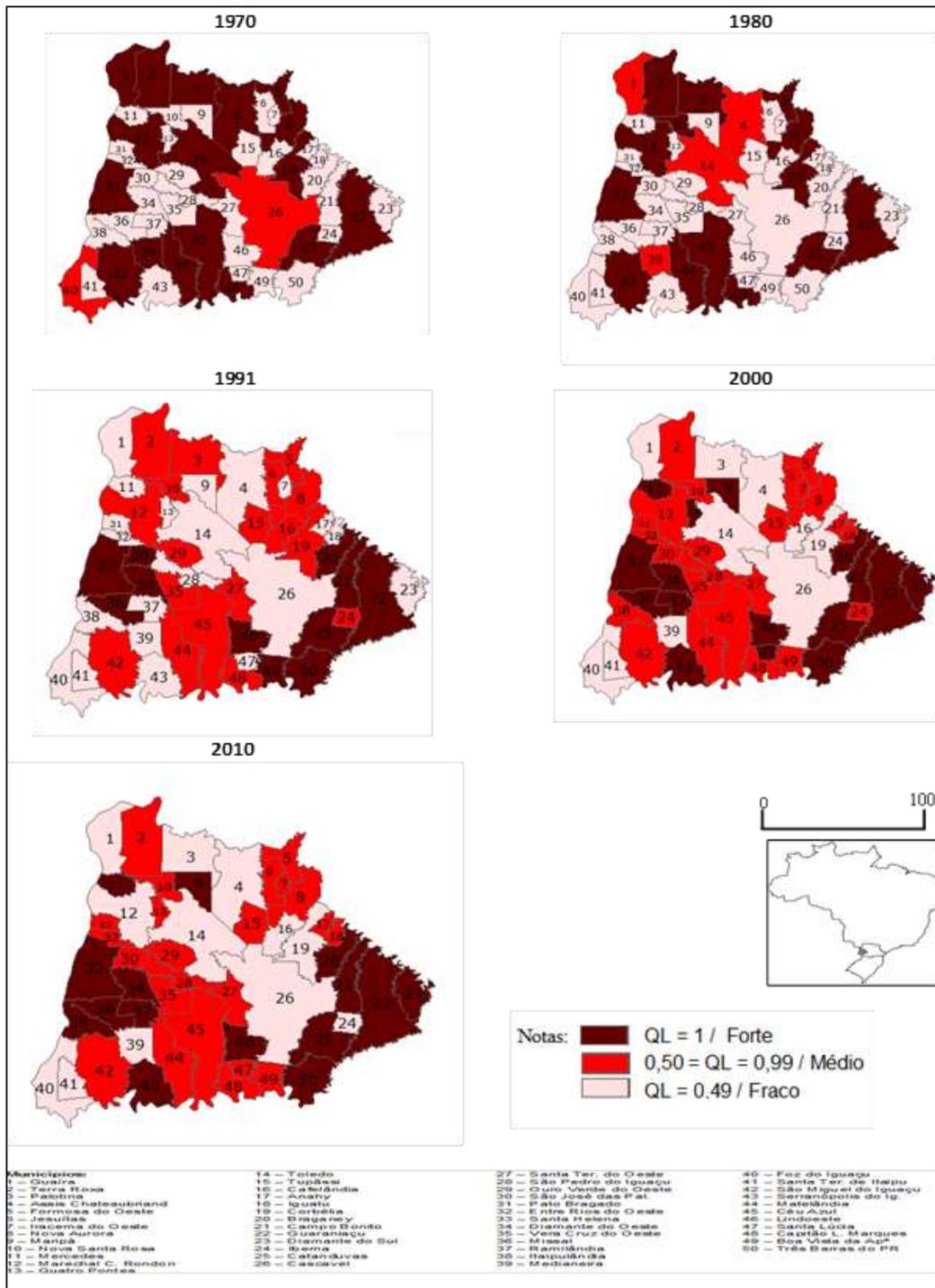


Figura 4. Quociente Locacional da População Rural nos municípios do Oeste do PR 1970/2010

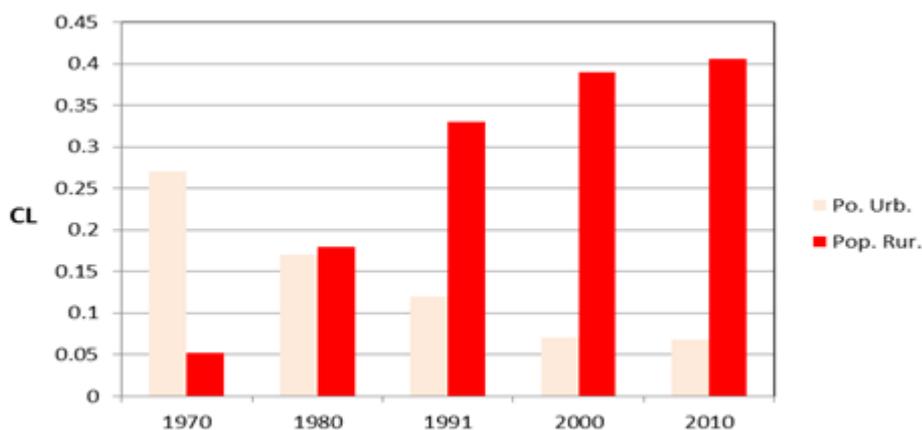
Fonte: resultados da pesquisa.

Assim, a Figura 4 aponta que a região ainda concentra significativa população rural e confrontando esta figura com a Figura 3 verifica-se que a área é menos urbana

do que aparenta ser; então o que explica essa dicotomia? Segundo Rippel,²⁹ o primeiro elemento explicativo reside no perfil da ocupação fundiária na área, pois o rural da região caracteriza-se por uma importante presença de pequenas propriedades, de até 50 ha, que representam 37% do total regional e retêm um importante contingente populacional. O segundo elemento refere-se à capacidade que o local tem de atrair imigrantes, isto porque na última década a área ainda recebeu importantes contingentes imigratórios.³⁰

O terceiro elemento explicativo da transformação regional vincula-se ao número de distritos da área pois segundo IBGE (2010), ali existiam em 2000, 96 distritos destes, 50 eram as sedes urbanas municipais e os demais 49 localizavam-se nos arredores destas, sendo que cerca de 25% da população da região estava concentrada, nestes locais. Assim, o Gráfico 4 mostra a distribuição regional da população urbana e rural para o período de 1970 a 2010.

Gráfico 4. Coeficiente de Localização (Cl) - Região Oeste do PR – 1970-2010



Fonte: resultados da pesquisa

No gráfico se visualiza que a população rural está mais difusa na região e que houve maior concentração pelos municípios desta população no período de 1970 a 2010. No entanto, os coeficientes de localização da população urbana demonstram também que ali ocorre concentração em poucos municípios, e mais, pela diminuição deste coeficiente, vê-se que, com o passar do tempo, menos municípios concentraram a maior parte da população urbana da região, mantendo a tendência do movimento apontada e analisada por Rippel.³¹

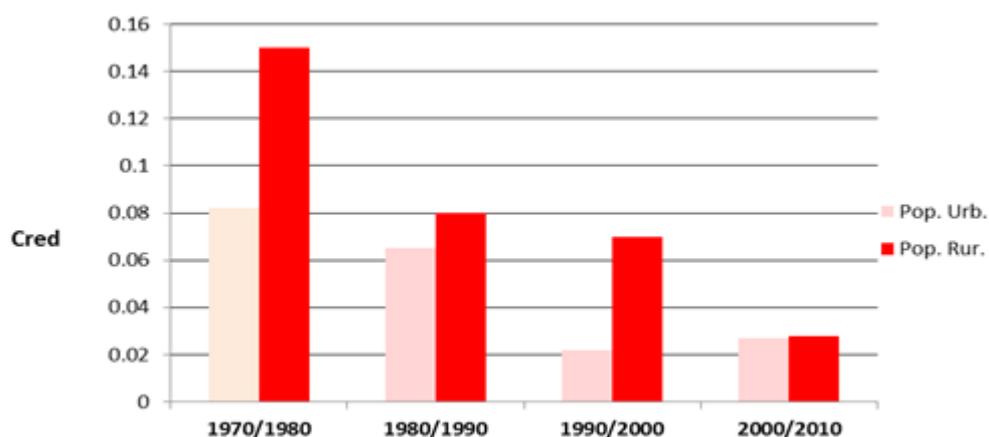
²⁹ RIPPEL, R. Fronteiras em movimento, *Op. cit.*

³⁰ Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu foram os municípios que mais atraíram população e que concentraram 54,25% da população regional e mais de 38% dos fluxos migratórios intra-regionais, intra-estaduais e inter-estaduais da área.

³¹ RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

Já o coeficiente de redistribuição tem como objetivo verificar se na área está prevalecendo algum padrão de concentração ou dispersão espacial da população ao longo do tempo, e este padrão pode ser visualizado pelo Gráfico 5, a seguir que indica que não ocorreram mudanças significativas na localização da população urbana e rural no período.

Gráfico 5. Coeficiente de Redistribuição (Dred) – Região Oeste do PR – 1970-2010



Fonte: resultados da pesquisa.

Este panorama total da área aponta que na região os municípios concentradores de população urbana em 1970 mantiveram-se na liderança do processo em 1980, 1991, 2000 e em 2010, e aqueles que detinham maior importância demográfica rural continuaram a detê-lo.

Concentração demográfica e dinâmica Migratória Intra-Regional: 1970-2000

Depois da apresentação dos indicadores de concentração da área, abordar-se-ão os movimentos migratórios intra-regionais, com a intenção de ampliar o estudo, respeitadas as limitações das informações censitárias, via análise do quadro interno para compreender mais o poder de influência das cidades “chaves” na dinâmica demográfica e migratória da região. Desta forma, na Tabela 3 apresentam-se os sete fluxos migratórios intra-regionais mais expressivos do Oeste do Paraná, ali se vê que de 1975-80 o total de emigrantes intra-regionais foi de 106.000 pessoas, e o local com maior fluxo foi Cascavel, com uma emigração intra-regional estimada em 14.779 indivíduos - 13,93% do total. Sucedem-no Toledo e Santa Helena, sendo que os sete em conjunto foram responsáveis por 50,63% do total geral.

Tabela 3. Principais Movimentos Migratórios quinquenais - Intra-Regionais Oeste PR - 1975-2010

Local	Emigração Intra-Regional								Imigração Intra-Regional							
	Última Etapa		Data Fixa						Última Etapa		Data Fixa					
	1975-1980		1986-1991		1995-2000		2005-2010		1975-1980		1986-1991		1995-2000		2005-2010	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
CSC	14.779	13,93	8.658	12,55	6.455	12,35	7138	14,00	20.284	19,11	13.709	19,86	12.090	23,13	10132	19,88
FOZ	5.846	5,51	5.434	7,87	5.934	11,35	7513	14,74	26.081	24,58	9.086	13,17	6.301	12,05	2907	5,70
MCR	4.738	4,46	3.429	4,97	1.573	3,01	2386	4,68	2.933	2,76	2.509	3,64	1.828	3,5	2280	4,47
MAT	6.360	5,99	2.924	4,24	1.415	2,71	1167	2,29	5.543	5,22	1.195	1,73	858	1,64	1243	2,44
MED	6.755	6,37	3.300	4,78	2.332	4,46	1992	3,91	6.290	5,93	2.776	4,02	2.195	4,2	2719	5,33
STH	7.256	6,84	2.103	3,05	1.430	2,74	1518	2,98	2.615	2,46	1.412	2,05	714	1,37	1278	2,51
TOO	7.993	7,53	6.475	9,38	3.963	7,58	3220	6,32	7.824	7,37	7.683	11,13	5.921	11,33	6227	12,22
Total Parcial	53.727	50,63	32.323	46,84	23.102	44,19	24934	48,92	71.570	67,44	38.370	55,60	29.907	57,21	26.786	52,55
Outros Locais	52.396	49,37	36.690	53,16	29.171	55,81	26.034	51,08	34.553	32,56	30.643	44,40	22.366	42,79	24.182	47,45
Total Geral	106.123	100,00	69.013	100,00	52.273	100,00	50968	100,00	106.123	100,00	69.013	100,00	52.273	100,00	50968	100,00

Fonte: FIBGE: Censos Demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010. Tabulações Especiais do autor.

Legenda: CSC - Cascavel, FOZ - Foz do Iguaçu, MCR - Marechal Cândido Rondon, MAT - Matelândia, MED - Medianeira
STH - Santa Helena e TOO - Toledo.

De 1986 a 1991 o total do movimento caiu para 69.000 pessoas com de 35% no volume total, no período o município de maior participação foi novamente Cascavel, com 12,55% do total, seguido por Toledo, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Medianeira e Santa Helena. Os sete em conjunto responderam por 46,84% da emigração intra-regional, os demais 43 responderam por 53,16% do fluxo. Já de 1995-2000, a tendência de queda no fluxo se manteve e o montante de emigrantes intra-regionais caiu para 52.273 pessoas, queda de 24,26%. Cascavel mais uma vez teve a maior participação no movimento, com 12,35% do total, seguida de Foz do Iguaçu e Toledo, sendo que os sete principais totalizaram 44,19% do total. Já no último período analisado 2005-2010, houve uma nova queda no volume do total dos indivíduos que saíram de seus locais originais da região para outro dentro dela.

Vê-se que o movimento foi menor do que nos períodos anteriores, totalizando 50.968 emigrantes no período, uma redução pequena da ordem de 2,5%. Nesta etapa, percebe-se que os municípios considerados mais representativos, em termos de locais de origem dos fluxos de emigração dentro da região, mantêm-se presentes, ocorrendo, porém, uma mudança importante no cenário: Foz do Iguaçu foi o local com a maior evasão com 14,74% do movimento, seguido por Cascavel, Toledo e Marechal C. Rondon.

O conjunto dos sete maiores movimentos totalizou 48,92% do geral, uma elevação de 4,73% em relação ao período anterior, o restante foi dos demais municípios. Percebe-se que durante todos estes períodos Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu mantiveram-se como os locais de origem dos movimentos de emigração intra-regionais mais importantes; evidenciando-se também o fato que do primeiro para o último quinquênio ocorreu na área uma forte redução do total de emigrantes intra-regionais,

queda Rippe³² atribui ao desenvolvimento dos municípios da área que aprimoraram suas infraestruturas econômicas e sociais, o que lhes possibilitou arrefecer os movimentos e reter de modo mais eficiente os migrantes.

Com referência a imigração intra-regional a situação da absorção migratória mudou muito em termos de montante, porém não em termos dos principais destinos, como se vê na Tabela 3. De 1975 a 1980, o município que mais absorveu imigrantes intra-regionais foi Foz do Iguaçu, com 24,58% do total.³³ Sucedem-no, Cascavel, Toledo etc., sendo que os sete em conjunto totalizam 67,44% do movimento naquele interregno de tempo.

Na sequência de 1986 a 1991 há uma redução no movimento, com uma queda de 34,97% no total, de 106.123 para 69.013 imigrantes, redução equivalente a apontada na emigração intra-regional, que obviamente tem o mesmo volume, dado que neste caso os deslocamentos ocorrem dentro da própria região. Uma análise mais apurada permite apontar que o município mais representativo na absorção de indivíduos foi Cascavel, com 19,86% do movimento, seguido por Foz do Iguaçu, Toledo etc., sendo que os sete municípios responderam por 55,60% da imigração interna no período.

No quinquênio 1995-2000, ocorreu nova queda na imigração intra-regional total, de 24,26%, apesar disto os municípios apontados como principais destinos do fluxo, do período anterior, mantiveram-se presentes, Cascavel como o mais representativo absorvendo 23,13% do volume, e os seguintes lhe sucedem no restante do panorama: Foz do Iguaçu, Toledo etc., sendo que os sete responderam por 57,21% do movimento.

De 2005 a 2010 ocorreu uma queda pequena no deslocamento interno da área, queda de 2,5%, pois o montante reduziu-se de 52.273 para 50.968 imigrantes internos. E os municípios apontados como principais destinos do fluxo mantiveram-se. Cascavel novamente foi o mais representativo absorvendo 19,88% do volume total do fluxo. Sendo que os seguintes municípios lhe sucedem: Toledo, Foz do Iguaçu, Medianeira, Marechal Cândido Rondon, e Santa Helena. O grupo em conjunto foi responsável por 52,55% do movimento.

Assim, o cenário apresentado pela área com referência aos movimentos migratórios intra-regionais aponta que durante os quatro quinquênios Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu mantiveram-se como locais de maior destaque no cenário de migração intra-regional. Esses locais, nos quatro períodos analisados, foram ao longo deste tempo os locais de migração interna mais importantes da região, constituindo-se nos principais municípios receptores e repulsores da migração intra-regional, donde se verifica uma elevada circulação de indivíduos que estas cidades da região apresentaram.

³² RIPPEL, R. Fronteiras em movimento, *Op. cit.*

³³ Este comportamento de elevada absorção de imigrantes por parte de Foz do Iguaçu no período deve-se ao fato de que naquele momento histórico ocorria o início das obras de hidrelétrica binacional de Itaipu, obra que segundo o autor gerou para o local um grande fluxo de imigração.

Cabe ressaltar que alguns municípios mais do que outros vivenciaram intensas trocas migratórias que partiram ou se direcionaram para eles. Mediante o exposto faz-se necessário, segundo nosso entendimento, compreender de forma mais concisa por que motivo, ao longo dos quatro quinquênios, o Oeste do Paraná assumiu um perfil em termos de migração intra-regional no qual os municípios que comandaram o processo resumem-se a três. Desta realidade surge a necessidade de ampliar a compreensão do que ocorreu. Assim, recorrendo a Haggett,³⁴ percebe-se que a evolução do espaço regional é usualmente polarizada pelo espaço urbano. A partir desta constatação, estruturou-se a análise por meio de um conjunto de etapas de compreensão do processo, fases apresentadas por um esquema que exhibe como a evolução de polarização e urbanização de uma região ocorre. Vide a Figura 5.

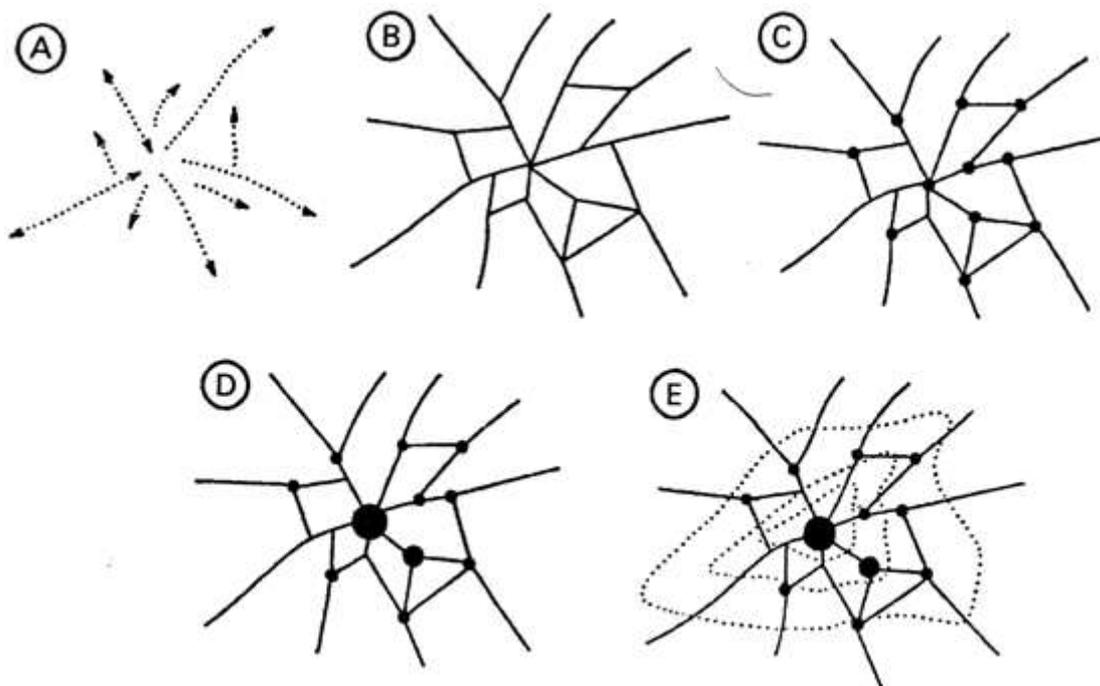


Figura 5. Etapas de Polarização, Urbanização e Movimentação Populacional

Fonte: elaboração do autor a partir de P. Haggett, *L'analyse spatiale en géographie humaine*, Op. cit.

Pela Figura 5 e mediante as argumentações de Haggett,³⁵ vê-se que a organização de uma região polarizada e urbanizada é mantida através de fluxos constantes de indivíduos, mercadorias, dinheiro e informações. Assim quando há um incremento de fluxos para o interior do sistema, ocorre o desenvolvimento das cidades e a expansão urbana. Já a minoração dos movimentos provoca contrações de cidades. Então a polarização e urbanização regional se iniciam através dos movimentos e fluxos (A); esses movimentos formam uma rede (B), que acarreta na formação de nós

³⁴ HAGGETT, P. *L'analyse spatiale en géographie humaine*. Paris: Armand Colin, 1973.

³⁵ *Idem*.

e/ou polos (C). E é na etapa posterior que ocorre a configuração da hierarquia das cidades (D). A última etapa do processo configura uma região com polos e hierarquias definidos (E). Sendo que a formação das regiões urbanas e polarizadas ocorre nas três últimas etapas, através da intensidade de fluxos e refluxos.

Ademais, espelhando-se na figura e em sua interpretação para o Oeste paranaense, nota-se que ali ocorreu um processo similar ao exposto, pois o movimento “A” de certo modo retrata a expansão extensiva da ocupação da área pela população migrante. Com o passar o tempo este panorama movimenta-se para o cenário “B” indicando o processo de evolução da área. O momento “A” representa a chegada dos colonos que se espalham pela região mediante a aquisição de propriedades notadamente rurais. Com o transcorrer do tempo, seja por questões de relacionamentos pessoais antecedentes (redes sociais anteriores), seja pela proximidade da atividade econômica ou ainda em função da interferência das empresas colonizadoras da região, formaram-se diversos núcleos urbanos na região no formato de distritos e vilas, todos eles pertencentes a um único município, Foz do Iguaçu.

Além do que o “B” apontaria o estabelecimento de rotas de comunicação e transporte entre estes pequenos núcleos populacionais e a sede do município, que serviram para a circulação de pessoas, transporte de mercadorias e de produtos, etc. Já a etapa “C”, indica o estabelecimento de núcleos urbanos mais estruturados, que servem de apoio às necessidades dos indivíduos, principalmente daqueles alocados em áreas rurais mais distantes. Tal comportamento é condizente com o processo de colonização do Oeste do Paraná, que levou ao surgimento de cidades que se hierarquizaram fazendo surgir na etapa “D”, os polos regionais (Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo). Assim, a etapa “E” representaria maturação do processo, quando acontece o surgimento de um polo econômico demográfico regional central, que, via de regra, influi em todo o comportamento da região, no caso da área Cascavel.³⁶

Analisando cenário semelhante Silva, Rippel e Lima³⁷ afirmam que o surgimento de um polo é uma consequência do processo de desenvolvimento, sendo que neste caso, o desenvolvimento é caracterizado como um fenômeno desequilibrado, de forma que forças poderosas induzem à concentração espacial do crescimento econômico e da dinâmica demográfica, em torno de pontos (núcleos urbanos) onde este processo se inicia. Esse fato transparece na configuração histórica do território do Oeste do Paraná,³⁸ com o movimento de consolidação de alguns municípios como

³⁶ RIPPEL, R. Fronteiras em movimento, *Op. cit.*

³⁷ SILVA, J. R.; RIPPEL, R.; FERRERA DE LIMA, J. A teoria dos pólos de crescimento de François Perroux. *Cadernos de Economia*, Chapecó, v. 4, n. 7, p. 75-95. jul./dez., 2000.

³⁸ Uma região deve ser entendida como a área de influência de um polo. Nesse sentido, as regiões se organizam em torno de uma cidade central, que polariza em torno de si a economia e a população, orientando sua área de influência. Esse domínio se dá nas relações comerciais, administrativas, sociais, demográficas e políticas, assim o espaço organizado em torno de uma cidade é uma região. Cf. RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

polos econômicos e demográficos da região. Essa realidade segundo Rippel³⁹ fez aflorar na área uma característica, a de que tais municípios se constituem em núcleos de circularidade migratória, mediante isto, com a intenção de analisar melhor o movimento, aplicou-se na análise da migração intra-regional o cálculo dos Índices de Eficácia Migratória- IEM, na Tabela 4 a seguir.

Este índice, cuja conceituação e metodologia de cálculo encontram-se explanadas no manual de métodos de medição da migração interna da ONU/DAES,⁴⁰ segundo Cunha,⁴¹ é calculado a partir do quociente entre a migração líquida (I-E) e a migração bruta (I+E). Seu uso faz-se necessário porque a análise pura e simples dos dados da emigração e da imigração intra-regional não se constitui em elemento suficiente para a compreensão ampla da dinâmica populacional do território. Pois a movimentação migratória e seus impactos têm sido analisados a longo tempo, tanto que Ravenstein,⁴² por exemplo, aponta que para cada corrente migratória importante sempre se produz uma contracorrente compensadora.

Vejamos então alguns detalhes do IEM, pois o seu uso permite evidenciar outra dimensão das características migratórias de uma região, qual seja: a eficácia desta no processo migratório a que se encontra exposta; sendo que este índice, cuja conceituação e metodologia de cálculo encontram-se explanadas no manual de métodos de medição da migração interna da ONU/DAES, segundo Cunha,⁴² é obtido via quociente entre a migração líquida (I-E) e a migração bruta (I+E). É determinado pelo seguinte quociente:

$$\text{IEM} = \frac{\text{Migração Líquida do Local " X " no período " y "}}{\text{Migração Bruta do Local " X " no período " y "}}$$

Assim valores próximos a 1 indicariam áreas de elevada atração migratória (ou seja, somente imigração) e valores próximos a -1, áreas de alta evasão populacional (somente emigração). A obtenção de valores próximos a zero revelaria as áreas com circulação migratória relevante (imigração em níveis semelhantes à emigração). Na tabela vê-se que a migração líquida regional nos quatro períodos oscilou muito, com diversos municípios apresentando saldos negativos e outros positivos, vê-se igualmente, que foi no primeiro período que a área apresentou sua maior movimen-

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU/DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS-DAES. Manual VI – Métodos de Medição da Migração Interna Conceitos Básicos, Definições e Mensuração da Migração Interna. In: MOURA, H. A. de. *Migração interna: textos selecionados*. v. 1. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, p. 313-354.

⁴¹ CUNHA, J. M. P. - Os movimentos migratórios no Centro Oeste na década de 1980: In: Primeiro Encontro Nacional sobre Migração, Curitiba, 1997, p. 100.

⁴² RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, H. A. de. *Migração interna: textos selecionados*, *Op. cit.*, p. 19-88

tação de pessoas, pois o volume de migrantes foi de 17.843 indivíduos. Nos quinquênios seguintes, a tendência foi mantida, porém em patamares bem menores. De 1975 a 1980 os municípios de Marechal Cândido Rondon e Santa Helena foram locais que nos quais o IEM apontou o fenômeno da repulsão migratória, porém em níveis reduzidos.

Segundo Rippel,⁴³ neste período Foz do Iguaçu foi o único município da região com um índice de absorção importante, comportamento que ocorreu basicamente em função do início das obras da hidrelétrica de Itaipu, fato que tornou o município local de expressivo fluxo de imigração intra-regional. Os demais apresentaram índices de áreas de circularidade migratória, alternando valores positivos e negativos, pois recebiam e repeliam indivíduos em graus de intensidade muito próximos. Este também é o resultado obtido pela região como um todo, pelos demais municípios da área e pelo conjunto dos selecionados.⁴⁴

Tabela 4. Movimentos Migratórios Intra-Regionais do Oeste do Paraná Migração Líquida, Migração Bruta e Índice de Eficácia Migratória. Períodos de 1975-2010

Município	Migração Líquida (I-E)				Migração Bruta (I+E)				Índice de Eficácia Migratória			
	Última Etapa	Data Fixa			Última Etapa	Data Fixa			Última Etapa	Data Fixa		
	1975-80	1986-91	1995-00	2005-10	1975-80	1986-91	1995-00	2005-10	1975-80	1986-91	1995-00	2005-10
CSC	5.505	5.051	5.635	2.994	35.063	22.367	18.545	17.270	0,16	0,23	0,3	0,17
FOZ	20.235	3.652	367	-4.606	31.927	14.520	12.235	10.420	0,63	0,25	0,03	-0,44
MCR	-1.805	-920	255	-106	7.671	5.938	3.401	4.666	-0,24	-0,15	0,07	-0,02
MAT	-817	-1.729	-557	76	11.903	4.119	2.273	2.410	-0,07	-0,42	-0,25	0,03
MED	-465	-524	-137	727	13.045	6.076	4.527	4.711	-0,04	-0,09	-0,03	0,15
STH	-4.641	-691	-716	-240	9.871	3.515	2.144	2.796	-0,47	-0,2	-0,33	-0,09
TOO	-169	1.208	1.958	3.007	15.817	14.158	9.884	9.447	-0,01	0,09	0,2	0,32
Total Parcial	17.843	6.047	6.805	1.852	125.297	70.693	53.009	51.720	0,14	0,09	0,13	0,04
Outros Locais	-17.843	-6.047	-6.805	-1.852	86.949	67.333	51.537	50.216	-0,21	-0,09	-0,13	-0,04
Total Geral	0	0	0	0	212.246	138.026	104.546	101.936	0	0	0	0

Fonte: FIBGE: Censos Demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010. Tabulações Especiais do autor

Legenda: CSC – Cascavel, FOZ – Foz do Iguaçu, MCR – Marechal Cândido Rondon, MAT – Matelândia, MED – Medianeira, STH – Santa Helena e TOO – Toledo.

⁴³ RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

⁴⁴ Na região total, encontramos novamente 0,00 e não poderia ser diferente, pois, como tratamos de migração dentro do específico território de uma região, tanto os emigrantes quanto os imigrantes intra-regionais, quando tratados no total, devem ser equivalentes, pois os indivíduos circulam dentro da própria área.

No período de 1986-1991, os dados indicam que se manteve o caráter de circulação de indivíduos por parte de alguns municípios da área, notadamente em função do valor de suas trocas migratórias, ademais alguns deles, mais do que outros, vivenciaram trocas e movimentos muito intensos. Conforme os dados no quinquênio Matelândia era um local classificado como sendo lugar de repulsão migratória, já Cascavel e Foz do Iguaçu eram municípios de absorção; os demais comportaram-se como locais de circulação de migrantes, pois recebiam e repeliam indivíduos em graus de intensidade muito próximos.

No penúltimo período de 1995 a 2000, Matelândia e Santa Helena foram lugares que apresentaram um comportamento de repulsão migratória; já Cascavel de forma especial apresentou um comportamento de absorção de migrantes, sendo que as demais cidades da área também foram locais de circulação de migrantes intra-regionais. Já no último 2005-2010 ocorreu uma interessante alteração no cenário, pois os movimentos migratórios intra-regionais modificaram-se de modo importante, pois Toledo passou a apresentar um cenário de absorção mais destacado em detrimento de uma redução do movimento direcionado para Cascavel e de perdas importantes de Foz do Iguaçu, com referência aos demais locais da região, o que se verifica é que mantiveram seu perfil de circularidade migratória intra-regional. No caso de Toledo, Rippe⁴⁵ sustenta que tal comportamento resulta em grande parte da consolidação do polo industrial químico, metal mecânico e frigorífico de local; bem como da elevada expansão do setor de serviços da saúde e do ensino superior no município.

A Educação na Migração e no Desenvolvimento da área

Nesta parte do estudo traçam-se algumas considerações sobre o perfil educacional dos chefes de família imigrantes na região. O uso deste dado permite realizar algumas considerações a respeito dos migrantes na área, pois reflete de modo amplo boa parte das condições socioeconômicas destes e de suas motivações para a migração. Assim, a predominância de pessoas ligadas à agricultura captadas neste setor quando do início da inserção ocupacional dos chefes de família migrantes na área, também corroborada pelo volume de população economicamente ativa captada no setor primário da região, especialmente de 1960 a 1980, indica que este era o setor da economia regional que mais absorvia migrantes.

Este fato, agregado à baixa qualificação educacional identificada em boa parte dos chefes migrantes e que é visível na Tabela 5, permite supor que muitos que se dirigiram para a área fizeram-no para inserir-se na agricultura e pecuária, pois buscaram a região pelas possibilidades de inserção em setores que não exigissem qualificação, que, no caso de uma área de fronteira, é a agropecuária. Esse cenário permite supor que boa parte destes migrantes neste tipo de situação é desprovida de recursos

⁴⁵ RIPPEL, R. Fronteiras em movimento, *Op. cit.*

financeiros e pessoais, fato que, de certo modo, é corroborado quando se percebe a baixa escolaridade de grande parte dos chefes imigrantes quando se dirigiram para o Oeste do Paraná na década de 1960. Sendo que na região, ao longo de todo o período sob análise, os perfis destes indivíduos variaram, tal como se pode observar na Tabela 5.

Tabela 5. Chefes de Família Migrantes segundo Anos de Estudo / Escolaridade, Principais Municípios e Oeste do Paraná – Participação Percentual nos períodos: 1960/70, 1970/80, 1981/91 e 1990/2000.

Anos de Estudo	Nenhum				Menos de 4				De 4 a 7				De 8 a 10				11 e mais			
Escolaridade	Sem Instrução				Primário incompleto				Ginásio Incompleto				2o. Grau Incompleto				2o. Grau Completo ou mais			
Década de	60	70	80	90	60	70	80	90	60	70	80	90	60	70	80	90	60	70	80	90
Total em %	37,5	25,7	13,8	8,29	45,2	30	21,6	16	14,9	31,7	35	33,2	1,2	5,54	11,8	16,6	1,14	7,09	17,8	26

Fonte: Ricardo Rippel, *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná*.⁴⁶

Assim de 1960/70, o predomínio de chefes imigrantes que sequer haviam completado o primário era muito elevado, pois respondia por aproximadamente 82,73% do total, sendo que 37,51% destes não tinham nenhuma instrução e 45,22% tinham menos de quatro anos de estudo.⁴⁷ É também nesse período que a fronteira agrícola regional se expandiu de modo mais expressivo, sendo então razoável inferir que a grande maioria dos chefes de família imigrantes na região no período inseriram-se produtivamente no setor primário da economia regional, dado justamente o seu baixo nível educacional.⁴⁸

Ademais, a zona rural da região absorveu elevados contingentes de indivíduos, justamente em virtude da distribuição da população total da área. Já de 1970 a 1980 ocorreu ali uma modificação relevante no perfil de sua migração. Nessa década, a área ainda se manteve como local de atração migratória, porém em volumes muito menores daqueles praticados na década anterior, e o perfil dos chefes imigrantes mudou razoavelmente em termos educacionais formais, uma vez que o percentual destes sem instrução caiu para 25,73% do total. E o percentual daqueles com menos de quatro anos de estudo, ou seja, com o primário incompleto, também apresentou redução e totalizou 29,99%.

⁴⁶ RIPPEL, Ricardo. *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná*, *Op. cit.*, p. 206.

⁴⁷ Essa informação é importante porque a década de 1960 foi a que, segundo Rippel, apresentou a maior expansão populacional na região e isto ocorreu principalmente em função dos saldos migratórios que foram positivos e muito elevados, tal como apontado no item 3. Cf. RIPPEL, Ricardo. *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná*, *Op. cit.*

⁴⁸ Na região total, encontramos novamente 0,00 e não poderia ser diferente, pois, como tratamos de migração dentro do específico território de uma região, tanto os emigrantes quanto os imigrantes intra-regionais, quando tratados no total, devem ser equivalentes, pois os indivíduos circulam dentro da própria área.

Assim as duas categorias passaram a representar 56% do total de chefes migrantes na região; isso é fruto de dois fatores: o próprio desenvolvimento do país, que passou a demandar trabalhadores minimamente mais instruídos e a política nacional de educação praticada, que se havia iniciado nas décadas anteriores e que na década de 1970 apresentava os primeiros resultados. Tanto que o nível educacional dos chefes imigrantes na região, de modo geral se elevou, pois todas as demais categorias educacionais apresentaram uma composição que indica que o nível educacional dos chefes que se inseriram no período cresceu.

No período seguinte (1981/91), a tendência de queda da participação de chefes migrantes com baixo nível educacional se manteve, bem como permaneceu a tendência de ampliação da participação total de chefes migrantes com um grau de escolaridade maior. Em termos da composição da população de imigrantes na área, pode-se afirmar que os chefes mais instruídos nesse período passaram a ser a maioria. Cresceu o contingente daqueles com o nível “ginásio incompleto” que atingiram 35,01%, os de “segundo grau incompleto” para 11,78% e os chefes imigrantes com “segundo grau completo ou mais” viram sua participação no total se ampliar ainda mais, pois totalizaram 17,11% e conjuntamente responderam por mais de 52% do total de chefes inseridos.

De 1990 a 2000 essa tendência tornou-se ainda mais expressiva, pois em termos de volume, os chefes migrantes com “segundo grau completo ou mais” atingiram 26% do total; os de segundo grau incompleto atingiram 16,55% e os de ginásio incompleto, 33,19%. Desse modo, estas três categorias totalizaram mais de 75% do movimento, gerando uma destacada transformação na composição do conjunto, fato concomitante à redução da participação no conjunto, daqueles com instrução inferior ao primário.

Vários fatores influíram direta ou indiretamente na evolução do nível de qualificação das pessoas e dos chefes imigrantes no Oeste do Paraná, quais sejam: caiu a migração de fronteira na área pelos motivos já expostos, reduzem-se em muito as oportunidades de inserção de indivíduos com poucos anos de instrução, concomitantemente as políticas nacional e estadual de educação possibilitaram parte da mudança deste cenário na região. Outro fato importante que se pode verificar na Tabela 5 é o ocorrido com a situação dos chefes de família migrantes com “ginásio incompleto”.

Nela se percebe que ao longo de todo o período, que os mesmos mantiveram praticamente a mesma participação no processo, perfazendo 33,19% do total; e que aqueles com o “segundo grau incompleto” também apresentaram um importante crescimento atingindo uma participação percentual de 16,55% no total de chefes migrantes. Então ao longo do período observado, aconteceram importantes transformações no perfil dos chefes imigrantes, regionais, pois no período passaram a apresentar níveis educacionais mais elevados.

O que se percebe no processo é que ocorreu uma sensível melhora nos níveis educacionais dos chefes imigrantes na região, não só pelas questões da queda da imigração na região, ou por causa das políticas educacionais nacionais, mas também porque os sem instrução diminuíram seu volume, pois a região passou a elevar o grau de exigência para a inserção de novos imigrantes, o que obrigatoriamente rebateu na maior participação percentual dos imigrantes mais qualificados ao longo do tempo.

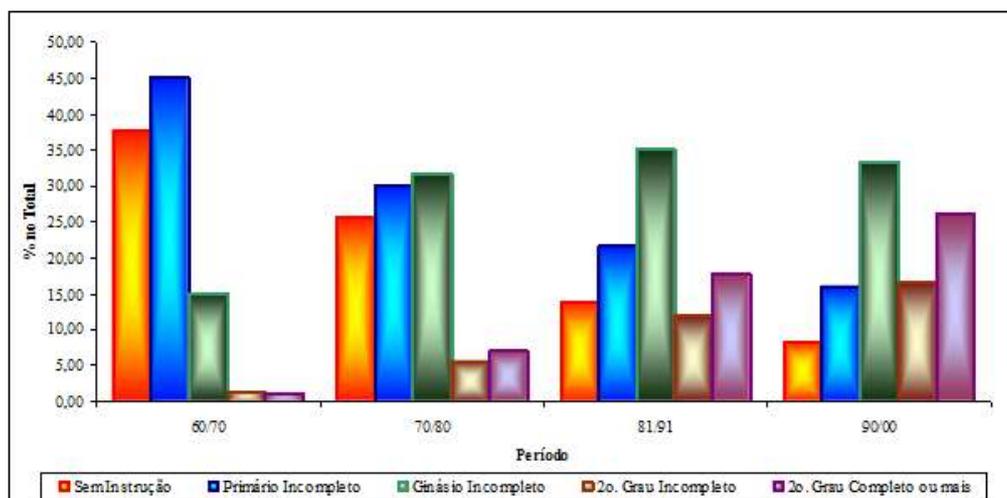
Este fato é bastante sugestivo na medida em que permite supor que a imigração direcionada para a área, ao mesmo tempo em que cai de maneira significativa, também vai elevando o seu grau de instrução daqueles que se inserem, pois isto é um dos fatores que auxiliam na colocação no mercado de trabalho. Isso corrobora de certo modo as modificações apresentadas anteriormente referentes às condições de ocupação e de inserção dos chefes migrantes na área, que paulatinamente deixam a configuração global de uma inserção de tipo rural para se transformar em urbana, daí que passa a ser maior a necessidade de qualificação em termos de nível educacional dos migrantes. Este comportamento pode ser facilmente visualizado no Gráfico 6, a seguir. Onde o volume total de migrantes na área passa a ter maior participação de indivíduos possuidores de níveis de escolares maiores, o que confere com a afirmação de que as regiões passaram a estabelecer e gerar critérios mais rígidos de absorção de migrantes, exigindo destes um grau de qualificação profissional e educacional maior.⁴⁹

Isso acaba por se transformar num processo seletivo destes indivíduos, que passam a enfrentar diversas barreiras à entrada nas áreas de destino. Embora a tendência reflita, em certa medida, o que se passou no país como um todo, não deixa de ser relevante, para a compreensão do processo migratório regional, o fato de que de o percentual de chefes imigrantes com escolaridade superior ao ensino médio de 1,14% em 1970; tenha alcançado 26% em 2000. Em todo caso, não se pode perder de vista que este comportamento só foi possível graças à forte redução de imigração para a área, em particular da ligada à ocupação pioneira do território que, como se demonstrou, era essencialmente composta de indivíduos de baixa escolarização, direcionados para o setor primário da economia regional. Se uma categoria vê sua participação no processo cair é porque outra se elevou (caso dos sem instrução versus os de segundo grau completo ou mais).

Estas transformações, por sua vez, apresentaram pouca variabilidade em relação às modificações econômicas locais, pois se visualiza que em 2000 que os chefes migrantes passaram a apresentar níveis de escolaridade bem superiores aos da década de 1960.

⁴⁹ RIPPEL, Ricardo. Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná, *Op. cit.*

Gráfico 6. Chefes de Família Imigrantes no Oeste do Paraná Segundo Escolaridade de 1960 – 2000 Participação percentual em termos de anos de Estudo



Fonte: Ricardo Rippel, *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná*.⁵⁰

Ademais, como as condições de inserção ocupacional dos migrantes, dos chefes de família e das próprias famílias mudaram muito, acompanhando a evolução econômica regional e o desenvolvimento ali empreendido, mudaram também os condicionantes do processo e os critérios para a inserção econômica e até social dos migrantes. E este complexo cenário tem de modo muito evidente, no nível de qualificação educacional dos chefes imigrantes, um indicador de que realmente este processo de absorção migratória acompanhou as profundas mudanças ocorridas na área.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi o de analisar a evolução da localização da população urbana e rural na região Oeste Paranaense no período de 1970 a 2010, e como estes movimentos ocorreram dentro desta área que foi a última área de fronteira e a última mesorregião a ser ocupada no Estado. Buscou-se igualmente analisar o comportamento da dinâmica migratória intra-regional. Diante disto com os diversos indicadores utilizados, visualiza-se que não ocorreram mudanças significativas no padrão de concentração da população urbana e rural entre os municípios da região.

Acontecimento que se deu apesar da importância do rural da mesorregião, setor detentor de importante papel no agronegócio estadual e nacional; pois na região, os municípios que concentravam a população urbana no ano de 1970 continuaram concentrando durante o período de análise, mesmo com oscilações e modificações no cenário demográfico regional. Destaca-se, porém, no processo que a região

⁵⁰ RIPPEL, Ricardo. *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná*, *Op. cit.*, p. 209.

se converteu em área na qual transformações na sua economia e no seu sistema produtivo deflagraram um forte movimento de redução da população rural do território (êxodo rural), mantendo-se, porém, a representação econômica.

Este esvaziamento demográfico das áreas rurais foi acompanhado da exacerbação dos movimentos de reconcentração fundiária e de urbanização na mesorregião; sendo que no processo desenvolveram-se de modo heterogêneo e com diferentes intensidades, dinâmicas diferenciadas de crescimento populacional com reordenamentos contínuos da distribuição espacial da população da área, acarretando movimentos migratórios intra-regionais importantes no desenvolvimento desta parte do Paraná. Assim, o atual perfil da migração no Oeste do Paraná resulta da expressiva transformação econômica da área, que restringiu a inserção na área fazendo com que a mesma se tornasse menos numerosa e mais escolarizada. Isto se deve em parte ao fato de que, com o crescimento econômico regional e seu desenvolvimento, os critérios para inserção dos migrantes foram elevados. Fato que exigiu um maior grau de qualificação dos indivíduos que para lá se dirigiram.

Desta forma, atualmente está se configurando o que será nos próximos anos, e talvez décadas, a nova feição do fenômeno da migração no Oeste Paranaense: que, de uma área de expansão da fronteira agrícola pioneira praticamente vazia demograficamente em 1940, com grande quantidade de área a ser ocupada e “explorada”, cujo início deu-se fundamentalmente por pequenos produtores e trabalhadores rurais que buscavam terras para se estabelecerem, a região se transformou num dos expoentes da agricultura agro-exportadora nacional e num território onde a pecuária tecnificada e integrada, bem como a agricultura de alta tecnologia, é cada vez mais intensiva, vivenciando um movimento de reconcentração fundiária.

Ademais, percebe-se que, no contexto da migração da região, o ajuste da agricultura local do complexo agrícola para o complexo agroindustrial deu-se no bojo da “modernização dolorosa”, apontada por Silva,⁵¹ o que implicou uma grande transformação tecnológica no setor e que resultou em elevados volumes de emigração do campo e redução da capacidade de inserção de novos indivíduos no rural da região. Isso agregado ao desenvolvimento da área que se deu apoiado especialmente no crescimento das atividades econômicas dos setores secundário e terciário da economia resultou numa urbanização expressiva do local.

Merece destaque o fato de que a análise do processo possibilitou identificar que no âmbito intra-regional prevaleceram, nos anos sob estudo, deslocamentos inter-municipais representativos, nos quais percebe-se um aumento substantivo da participação percentual das cidades de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu no conjunto das trocas migratórias internas. Um dos fatos que mais chamou a atenção em todo o período foi o de que no último quinquênio, 2005-2010, Cascavel e Toledo se sobressaíram com relação ao saldo líquido migratório interno da área, em detrimento de

⁵¹ SILVA, O. et al. *Toledo e sua História*. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1989.

Foz do Iguaçu que está se tornando um espaço de repulsão de pessoas, maior do que o de absorção.

Assim, evidenciou-se uma característica muito importante da área, qual seja: que ainda existe uma presença significativa da população rural na maioria dos municípios da mesorregião, com exceção dos três maiores, Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, bem como de Medianeira, que concentraram com mais intensidade população urbana. Ademais o conjunto de informações aglutinado no trabalho permite concluir pela presença de um efetivo caráter de circulação de indivíduos migrantes internos na região Oeste do Paraná, comportamento que se desenvolveu ao longo do período estudado.

Neste interregno de tempo alguns municípios da região passaram a apresentar e executar funções de cidades-polo, o que condiz com a argumentação e a exposição realizadas e das quais se fez uso, e que permite sustentar que a evolução do espaço regional foi polarizada em termos demográficos e migratórios pelos espaços urbanos da área, principalmente pelos maiores. Então que Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu foram locais que concentraram os movimentos ao longo de todo o período. Mais ainda, destaca-se o fato de que, de certo modo, a própria região em conjunto apresentou um comportamento de circularidade migratória.

Conclui-se finalmente que na paisagem intra-regional no período em termos dos fluxos migratórios da região, tanto nos movimentos de emigração intra-regional quanto nos de imigração intra-regional, os três municípios que comandavam o processo em 1970 continuam a fazê-lo em 1980, 1991, 2000 e mais ainda em 2010. Vê-se, então, que este panorama das características dos migrantes na região, e de suas relações com a dinâmica migratória nacional, é congruente com o quadro de concentração fundiária e tecnificação da produção rural da região, isto porque, efetivamente conforme foi crescendo a região ela foi transformou sua distribuição populacional, modificou seus critérios de inserção e passou a exigir mais qualificação dos imigrantes que para lá se direcionaram.

Sobre o autor:

Ricardo Rippel

Pós-doutor em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Doutor em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Associado do Colegiado de Economia e do PGDRA- Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da UNIOESTE / Campus de Toledo. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC).

Artigo recebido em 21 de novembro de 2015.

Aprovado em 13 de dezembro de 2015.